
Ofício: Catador: Registros de uma Classe Invisível¹

Marcio Rosa Machado²

Ricardo Henrique Almeida DIAS³

Centro Universitário UNIFACVEST, Lages, SC

Resumo

Este artigo vem desvelar o processo de construção e desenvolvimento inicial do projeto Catadores, projeto fotográfico sobre catadores de reciclado na cidade de Lages que busca conhecer, registrar e expor quem são, modo de vida, relação com trânsito, com a sociedade, sobrevivência e consciência ecológica tendo em vista a invisibilidade desse ofício e de sua heterogeneidade que inclui desde moradores de rua a pessoas que cumprem essa função a mais de uma década como um ofício. Este projeto prevê a realização de ações que derivam da ação fotográfica como etapas de registros das mulheres catadoras e dos catadores noturnos. A exposição *Roda de Conversa com Catadores* objetiva analisar através da ação fotográfica o papel desses empreendedores junto a sociedade.

Palavras-chave: registro social; fotografia social; foto documentário, consumo responsável; catadores de reciclados; consciência ecológica

1. Trajetória da Invisibilidade

Como proposta inicial o projeto pretende registrar a imagem, a identidade, forma e modo de trabalho de catadores de reciclados da cidade, que se apresentam em condições de vidas paralelas dos que utilizam o mesmo espaço nas ruas, no trânsito e nas lixeiras. São essas pessoas as quais a sociedade as *invisibiliza* e ignora sua função estratégica. Quando as vê, as classifica como mendigos, moradores de rua, viciados, alcoólatras. O que também podem ser, mas não somente, pois também são trabalhadores, profissionais, empreendedores, são engrenagem num sistema urgente em que a sociedade depende. O são, por conta, do desemprego, da situação econômica, do abandono, da sobrevivência, da última alternativa e também da escolha. A lida

1 Trabalho apresentado na IJ 04 – Comunicação Audiovisual do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

2 Marcio Rosa Machado, graduando de Comunicação Social, habilitação em Fotografia no Centro Universitário UNIFACVEST em Lages SC E-mail: marcio.rosamachado@gmail.com

3 Doutor em Educação pela FE/Unicamp (2015). Jornalista formado pelo curso de Comunicação Social: Hab. em Jornalismo pela UFMS (2006). Atualmente, é docente do curso de Comunicação Social do Centro Universitário Unifacvest – Lages-SC, Brasil. E-mail: rhad@mail.com.

diária traz o ativismo ambiental empírico, provindo de pessoas de baixa escolaridade, de classe pobre do conhecimento adquirido pela vivência transformada pelo ofício.

Se em toda a ideologia os homens e suas relações aparecem invertidos como em uma câmara obscura, esse fenômeno responde a um processo histórico da vida, como a inversão dos objetos ao projetar-se sobre a retina responde ao seu processo de vida diretamente físico. ” (MARX e ENGELS, 1958)

Machado (2015, p. 17) propõe a discutir o termo “inversão” que ao contrário de como outros entendem com o significado de engano, mentira, falsidade, etc. ele a utiliza com o sentido de interpretação relacionado a pensar sobre outros a partir exatamente de sua condição social, de grupo econômico a que pertence que trata sobre uma nova forma de se ver e que se reflete na forma invertida como os vê os catadores mesmo quando ele realiza uma parte importante de uma operação, que é urgente e compete a todos, e na qual a própria sociedade não cumpre sua parte com efetividade no que tange ao consumo consciente, a limpeza, classificação e dispensa de reciclados de forma correta. A parte que pode parecer intrigante é que atitude certa vem de um sujeito que se encontra em uma situação de marginalidade, por não dispor de melhores condições de vida tanto financeira e nem de escolaridade e por essa questão sofre a discriminação.

...a Constituição proíbe a discriminação relativa às profissões: o advogado e o lixeiro são iguais entre si e tão dignos quanto o professor ou o ator (o gênero do filme importa tanto quanto a matéria lecionada. o local da coleta dos resíduos ou a especialidade do jurista – isto é. absolutamente nada). E tal liberdade. quando menos porque expressamente prevista na Constituição brasileira. deve ser assegurada de modo ativo pelo Estado. Afinal de contas. de nada adiantaria declarar uma liberdade se ela não fosse garantida pelos próprios poderes constituídos. Ao assegurar uma liberdade. a Constituição garante o seu exercício e simultaneamente proíbe escolhas que impliquem quaisquer discriminações contra ela. Caso isso se dê. a escolha será regida pelo preconceito do detentor do poder (público ou privado) – e não mais pela Constituição brasileira. (BOKMANN, 2007).

2. A Consciência da Problemática

A média nacional de reciclagem do lixo é de somente 3% do lixo. Uma boa parte dele passa pela mão dos catadores de reciclados que o vendem diretamente a

empresas de reciclagens espalhadas por todo o país. O valor que é acondicionado e o tipo de matéria que pegam quando não dispensados da forma correta causam poluição, degradação ambiental e prejudica todo o ecossistema terrestre. A reciclagem evita o esgotamento de matérias-primas, uma vez que reaproveita o material para outros fins, em vez de simplesmente descartá-lo e retirar um novo material da natureza. A reciclagem é fundamental para a economia gerando renda a muitas famílias, seja durante a coleta, na linha de produção ou mesmo para artesãos. Além da redução no consumo de água e energia elétrica, pois gasta-se menos recursos ao reaproveitar os materiais do que a extração.

A economia brasileira perde cerca de R\$ 120 bilhões por ano em produtos que poderiam ser reciclados, mas são deixados no lixo. “Geramos no país quase 80 milhões de toneladas de rejeitos por ano, e reciclamos apenas 3% em 2017, em contraste com outros países, como a Alemanha – que desde 2010 já recicla mais de 50% do seu lixo. Em Belo Horizonte a reciclagem atinge 5% do lixo gerado, em São Paulo 7%, no Rio de Janeiro 1,9% e em Curitiba se tem o melhor percentual que é 16% (PIZARRO, 2017).”

O município de Lages conta com uma coleta seletiva, uma cooperativa de catadores com 39 associados e não se tem uma estimativa de quantos catadores independentes que atuam na cidade, e a situação de coleta está um pouco acima da média nacional. São 3.300.000 toneladas /mês coletados pela empresa de coleta seletiva e 25 toneladas/mês de materiais reciclados pela cooperativa de catadores dando um percentual de 7% de seu lixo reciclado dos dados que podem ser mensurados. (PELOZATO, 2018).

3. A Heterogenia Generalizada

O perfil dos catadores de reciclados varia e os rótulos de morador de rua e mendigo são generalizados o que ofende profundamente a dignidade de quem leva sua vida através da reciclagem como ofício. Encontra-se catadores que devido às privações da vida ao qual lhes foi facultado pelo desemprego e a necessidade de prover sua família com o mínimo de recursos e assim não tiveram outra alternativa a não ser, catar reciclados, esse mote é comum a maioria mas há diferenças nas

formas de organização, de dedicação a essa atividade que fazem a diferença entre seus tipos: Tem o morador de rua que aproveita sua estada em praças, marquises de lojas e becos em diferentes pontos da cidade para ocasionalmente encontrar e vender algum material alternando com esmolas para conseguir o que comer, ou mesmo o dinheiro da cachaça e do cigarro, situação semelhante a um viciado em crack que também faz com objetivo claro de garantir o recurso para compra do crack, quando não o consegue de outras formas. Carregam o material colhido solto ou utilizando sacos, sacolas que o encontram juntamente com material em lixeiras. Tem o novato, que utiliza da reciclagem todas as vezes em que fica desempregado como forma de manter algum tipo de renda mas o faz paralelamente ao período em que procura outro emprego. Nessa condição encontrei pessoas que estão de 1 a 2 anos nessa etapa intermediária, possuem sacos, mochilas caminham pelas ruas sem roteiros estabelecidos, não tem regularidade, nem espaço para estocar e vende direto nas empresas de reciclagem o que catam no dia recebem de R\$ 10,00 a R\$ 20,00 reais pelo dia de trabalho. Tem o catador de reciclados que já trabalhou como caseiro, servente, pedreiro, carpinteiro e numa condição de desemprego com mais de 02 anos buscou se estruturar para aumentar a capacidade de carga e assim ampliar sua renda. Esses catadores dispõem de meios de transporte que variam de carrinho de mão, gaiota, carretinha que vai instalada em bicicleta ou carretas de tração animal. A quantidade de reciclados que carrega diariamente varia de 100kg até 250 kg e sua renda de R\$ 30,00 a R\$ 80,00. Tem um sistema logístico com uma rede de parceiro que guardam e separam reciclados e que vão de padarias, lojas, empresas, promotores de eventos a moradores; mantém um roteiro fixo ,tem regularidade diária e trabalham já de 03 a 20 anos nessa atividade; tem consciência ecológica; regulam a atividade de outros catadores novatos em sua área pra não rasgarem sacolas e deixarem lixos espalhados e assim perderem a confiança de colaboradores, principalmente moradores de prédios e condomínios que pode trancar lixeiras com cadeado impossibilitando o acesso a uma quantidade significativa de materiais que vão acabar indo pra aterros, alguns tem local pra estocar em anexo a sua residência, tem consciência ecológica e alguns casos cumpre a função não remunerada catando materiais que não podem ser vendidos, limpando bueiros e terrenos baldios e encaminhando para a coleta regular de lixo.

Este panorama levantado foi com base no desenvolvimento do projeto nessa primeira etapa com 14 catadores os quais entrevistei, gravei áudios e os acompanhei durante um determinado período de suas atividades. O projeto continua em desenvolvimento tanto em relação aos catadores que já entrevistei a fim de conseguir estreitar a relação e partir para um próximo estágio onde eles se sintam mais tranquilos em relação a câmera e a fim de conseguir avançar nos registros, e ampliar abrangência para outras séries como a de *mulheres catadoras* e *catadores noturnos*.

4. O Ativismo Fotográfico

O conhecimento visual do planeta e do ser humano vem através da fotografia ela cumprindo o seu papel social em um contexto de realçar algum aspecto da sociedade não visto nem notado O conhecimento de realidades próximas que passam despercebidas pela sociedade ou com conhecimentos ambientadas em prévias opiniões rasas, formadas por ideias pre concebidas principalmente sobre pessoas de origens simples pobres negras mal vestidas por conta da ação de foto documentarista as trazem mais ao centro da atenção a ponto de influenciar em decisão ligadas a conquista de direitos.

O mundo, a partir da alvorada do século XX, se viu, aos poucos, substituído por sua imagem fotográfica. O mundo tornou-se, assim, portátil e ilustrado. A descoberta da fotografia propiciaria, de outra parte, a inusitada possibilidade de autoconhecimento e recordação, de criação artística (e portanto de ampliação dos horizontes da arte), de documentação e denúncia graças a sua natureza testemunhal. (Kossoy, 2001, p. 27)

Desde a idade pré-histórica o homem pode se ver representados em forma de desenho e pinturas. Durante esse período somente representações de funções eram o que interessava. A medida que o tempo passou a arte do registro se elitizou pelas diferentes fases da história humana e poucos foram agraciados com suas figuras imortalizadas. Poucos foram os pintores que pintaram os pobres e miseráveis e fizeram jus a seus nomes, as suas identidades, os que foram devidamente pintados foram os que detinham o poder e o dinheiro e não diferente com a fotografia isso

também aconteceu salvo a atuação de fotos documentaristas que denunciaram a miséria e as péssimas condições de vida dos seres humanos em todos os cantos do mundo e esses fotógrafos é que influenciam tanto pela ação como pela estética fotografia e a iniciativa da ação em fotografar os catadores de reciclados.

Com o documentarismo estabelece-se uma das grandes motivações da fotografia no século XX; o desejo de conhecer o outro, de saber como o outro vive, o que pensa, como vê o mundo, com o que se importa. As palavras eram insuficientes."(SOUSA, 2000, p.55)

Desses fotógrafos que vem a influenciar a ação do projeto posso citar, Lewis Hine, John Thomson (1837-1921), Jacob Riss (1849-1914), David Octavius e Robert Adamson.

Lewis Wickes Hine, sociólogo Norte-Americano, nasceu em Oshkosh, Wisconsin, no dia 26 de Setembro de 1874. Estudou Sociologia em Chicago e Nova York (1900-07) antes de achar trabalho na Escola de Cultura Ética (Ethical Culture School). Dedicou-se à fotografia em 1905 a fim de divulgar a miséria dos imigrantes europeus. Em 1908, continuou seus estudos sociológicos com fotografias de trabalhadores metalúrgicos de Pittsburg. Hine expôs à opinião pública as péssimas condições de trabalho, campanha que teve como resultado a aprovação da lei de trabalho infantil. Hine também usava sua câmera pra capturar a pobreza que testemunhava em Nova York. Em 1908, Hine publicou “Charities and the Commons” (Caridades e os Comuns), uma coleção de fotografias de trabalhos abusivos nas construções de prédios. Hine esperava que pudesse usar essas fotografias pra trazer uma reforma social.

“Mesmo que fosse tão comum haver tanta injustiça social, mesmo que a maioria das pessoas estivessem acostumadas com esses problemas, e mesmo que até os próprios operários estivessem à vontade em tal situação, dado o contexto, Lewis Hine tinha a intenção de fazer uma denúncia social. (LEMOS, 2017)

David Octavius e Robert Adamson se tornaram sócios para aplicar o Calotipo a vários outros propósitos de caráter extremamente popular e, em especial, a execução de imagens em grandes escalas representando a diferentes grupos e classes de

indivíduos”. No decorrer dos anos eles embarcaram em ambiciosos estudos dos habitantes da vila de New Haven, ao norte de Edimburgo a fim de registrar a vila que vivia sobre um modelo econômico que encontrava se ameaçado pela sociedade industrial moderna. Eles exploraram o acesso oferecido pela fotografia a modernidade e à realidade social, que faltava a pintura, tornando se pioneiros da documentação social.

John Thomson, na década de 1860, fotografa o lado da pobreza e das deficiências do cotidiano londrino, mostrando a forma de vida de pessoas, passando por necessidades básicas de sobrevivência e que viviam às margens da sociedade londrina. Junto com o jornalista Adolphe Smith, lança o livro "Street Life in London", em 1877, no qual provoca um choque na nação. O empenho do fotógrafo em fazer denúncia social através de suas imagens, a busca pela qualidade estética, a repercussão das fotos são para Sousa (2000) indícios do início da fotografia como compromisso social.

Segundo Sousa (2000), Jacob Riis foi o primeiro fotojornalista a acreditar que a fotografia poderia ser uma arma para transformações sociais a fim de beneficiar pessoas desfavorecidas e que, ao mostrar imagens de condições de moradias precárias e modos de sobrevivências sofríveis, chocaria o público e traria mudanças. Sousa (2000) destaca ainda que, por adotar essa postura,

Riis marcou o desenvolvimento das primeiras convenções e rotinas produtivas no fotojornalismo, ao fixar a miséria como um dos temas que ainda hoje são tratados e ao servir-se da fotografia como aquilo que classificamos de foto-opinião". (Sousa,2000)

5. Identidades Reveladas

“E faço minha campanha... quem sai de manhã cedo e sem fazer bagunça em lixeira pode fazer até R\$ 80,00 por dia. Eu pego todos esses litro de *pepis jogado* na natureza, ele demora 500 anos pra apodrecer . Eu trabalho pro meio ambiente. Já passei ai em *boca de lobo* e tirei

barraca que tava trancando a boca de lobo. Eu até fico muito emocionado(chora)... este mundo era pra ser bem melhor mas o povo não sabe cuidar.”



“Eu trabalho com reciclagem, cato latinha, o polietileno, litro - pet, papelão, ferro... o que aparecer eu levo e dá de arrumar uma bolacha, como diz o ditado. Eu passo a primeira vez e eles dizem - eu vou juntar pro senhor e eu passo pego e vou embora pegar em outro lugar. Eu pego isso aqui, se deixa o carro leva pro lixo é muita *disperdição*. Eu saio aqui e arrumo 20, 30 as vezes até arrumo 50. O que tem muito aqui é preguiçoso, tem vergonha se é vergonha pra cata isso eu não tenho vergonha, tudo isso aqui é dinheiro. A reciclagem.... ela é o mesmo que um emprego, eu arrumo o meu salário sossegado. Tem coisa boa também.. roupa boa, celular...tv muita coisa de valor, boa na medida. Quando eu vim pra cá, eu não tinha tv, agora eu tenho quatro, tudo funcionando, na medida. Bom seria se as pessoas deixassem tudo separadinho, nós passamos colhendo, evitando que se rasgue sacola, que os cachorros revirem tudo que é reciclado e o que não é o carro do lixo leva.”



“Hoje não querem mais homem velho trabalhar, nem de graça. Trabalhei em muita firma, mas não consegui me aposentar e já tenho 65 anos. Aqui é meu ganha pão...de onde tiro o sustento da minha família. Ganho por dia uns... 30, 40 contos. Trabalho por aqui já faz muito tempo e as pessoas me ajudam se não, tava passando até fome. Tenho duas crianças pequenas... uma toma só aquele leite caro, o Nan...e o outro é só no remédio. Trabalho direitinho... não bebo, nem fumo daí o cara só vai. Se eu consegui me aposentar no ano que vem, vou continuar até o fim da vida trabalhando com os recicláveis... enquanto eu puder puxar a gaiota eu continuo. Eu gosto dessa lida, meu prazer é lidar com papel. Eu comecei puxando numa bicicleta...vi que dava de sustentar minha família... eu gosto. Não estudei nem um dia. Não sei ler e nem escrever, mas faço conta, conheço balança, ninguém me logra. ”



“Eu trabalhava com construção, como servente. Não achei trabalho... tô sobrevivendo com esse aqui... esse mês eu fiz R\$ 516,00. Larguei currículo em toda parte. É melhor na construção pois eu era fichado, ganhava mais. Eu tenho 39 e meu nome é Juliano”

Considerações finais

Amplificar a visibilidade para o ofício catadores de reciclados através da realização de registros dos agentes que atuam em diversas regiões da cidade; e promoção de exposições itinerantes desses registros a fim de reforçar a natureza das atividades dos catadores de reciclados que contribuem como uma das partes. No processo de diminuição do impacto ambiental causado pelo excesso de materiais dispensado no meio e da parte conferida a população Essa é a proposta de uma ação fotográfica que seja de denúncia com de reflexão e que produza uma ação mais consistente junto a população

O projeto se encontra na sua primeira etapa que é de registros fotográficos tem como prazo de realização até dezembro de 2018.

Referências Bibliográficas

MARX, Karl; e ENGELS, Friedrich “ Die Deutsche Ideologie”. Werke, Berlin Dietz Verlag, Livro III, 1958 (edição em português, A ideologia Alemã. Expressão Popular, São Paulo, 2009

MACHADO, A ilusão especular. Lisboa: Ed. GG, 2012

FREUND, Gisele. Fotografia e sociedade. Lisboa: Nova Vega, 1989.

HACKING, Juliet. Tudo sobre fotografia. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

KOSSOY, Boris. Fotografia e História. Cotia: Ateliê Editorial, 2001.

SOUZA, Jorge Pedro. Uma história crítica do fotojornalismo ocidental. Ed. Letras Contemporâneas. 2000.

Referencias em Sites

BOCKMANN, Egon Moreira UFPR. Artigo escrito em <http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaop/ artigos/liberdade-de-profissao-e -preconceitos -4wh0bib7gzmjx6kq57fujd5a>

http://www.abrelpe.org.br/panorama_apresentacao.cfm, Acessado em 10/04/2018

<http://f508.com.br/trabalhadores-lewis-hine/> Acessado em 10/04/2018

TOURINHO, Claudio Artigo escrito em 07/08/2016 em <http://www.abralatas.org.br/a-reciclagem-do-brasil-em-numeros> Acessado em 10/04/2018

PIEVE, Paulo da, Artigo escrito em <http://www.otempo.com.br/capa/economia/brasil-perder-120-bilh%C3%B5es-por-ano-ao-n%C3%A3o-reciclar-lixo-1.1423628>, Acessado em 10/04/2018